



**ATA N.º 27/XII-2º/2018-19**

**1** - Aos 25 dias do mês de abril de dois mil e dezanove, pelas 9H, nas instalações Fórum Romeu Correia, em Almada, realizou-se a Sessão Solene comemorativa do 45º Aniversário do 25 de Abril de 1974.

**2** – Instalou-se a Mesa constituída pelo Presidente José Joaquim Leitão, pelo 1º Secretário Paulo Viegas e pela 2ª Secretária Ana Paula Silva.

**3** - Fez-se a chamada dos/as Senhores/as Deputados Municipais, tendo-se verificado quórum.

**3.1** – Responderam à chamada os seguintes Senhores/as Deputados/as Municipais:

José Joaquim Machado Courinha Leitão; Ana Margarida Machado da Silva Lourenço; Ivan da Costa Gonçalves; Ana Marques Serra e Moura Salvado; João Ricardo Lourenço Quintino; Paulo Filipe Pereira Viegas; Vanda Maria Barreiros de Lima e Silva; Vítor Manuel dos Santos Castanheira; Henrique Alexandre Margarido de Almeida; Ana Paula Alves da Silva; Débora Figueiredo Carvalho Rodrigues; José Manuel Maia Nunes de Almeida; Carlos Manuel Coelho Revés; João Eduardo Alves de Moura Galdes; Sónia Tchissole Pires da Silva; Ana Luísa Abílio Rodrigues de Carvalho; Daniel Pedro Sobral; Maria Luís Casanova Morgado Dias de Albuquerque; Augusto António Brinquete Proença; Marina Alexandra Pereira Lopes; Inês Pezarat Correia Bom; José António Espírito Santo Rocha; Fátima Maria da Silva Nogueira Marras; Artur Jorge de Jesus Alfama; António Pedro Rodrigues do Livramento Maco; Carlos Fernando Gonçalves Guedes; Pedro Miguel de Amorim Matias e José Ricardo Dias Martins.

**4** - Foi aberto o período de Antes da Ordem do Dia apenas para efeitos de substituição de Membros da Assembleia Municipal.

**4.1** - Nos termos e para os efeitos do nº 3, do artigo 40º, do Regimento da Assembleia, registaram-se os seguintes procedimentos:

**4.1.1** - Do Senhor Presidente referindo as comunicações da Senhora Deputada Municipal Elisabete Peres Pereira (CDU) e do Senhor Deputado Municipal António Salgueiro (PSD), informando da impossibilidade de estarem presentes e solicitando a substituição.

**4.1.2** - Nos termos legais e regimentais aplicáveis tomaram posse António Abrantes de Almeida (CDU), no impedimento dos/as eleitos/as José Gabriel Guiomar Joaquim, Mara Rita Silva Martins, Jorge Miguel Oliveira Feliciano, Mário José de Sousa Pedroso, Andreia Sofia Fernandes Egas, António José Olaio da Silva, José Augusto Tavares de Oliveira e Joana Tavares Reis Raposo; e Sónia Raquel Mota Faria (PSD).

**4.2** - O Senhor Presidente da União de Freguesias da Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas comunicou a impossibilidade de estar presente nesta sessão, sendo substituído pela eleita Susana Cristina da Fonseca Vinagre Gonçalves Montalvo; O Senhor Presidente da União de Freguesias do Laranjeiro Feijó comunicou a impossibilidade de estar presente nesta sessão, sendo substituído pelo eleito Vasco Ramiro Rodrigues Gonçalves; a Senhora Presidente da União de Freguesias Caparica Trafaria comunicou a impossibilidade de estar presente nesta sessão, sendo substituída pela eleita Maria de Fátima Cardinho Magalhães Cardoso.

**4.3** - Feitas as substituições ao abrigo das disposições legais e regimentais, registaram-se as faltas justificadas dos Senhores/as Deputados/as Municipais Bruno Dias (CDU), José Lourenço (CDU), Eva Gomes (CDU), Nuno Gonçalves (CDU) e Sílvia Sousa (PSD).

**4.4** - O Senhor Presidente informou ainda o plenário da presença do Senhor Vereador Luís Filipe Pereira em substituição da Senhora Vereadora Joana Mortágua e do Senhor Vereador Rui Jorge Martins em substituição do Senhor Vereador Joaquim Judas.

**5** – Deu-se início ao período da Ordem do Dia para as intervenções alusivas ao evento, tendo usado da palavra por tempo igual para todos, tal como acordado na conferência de representantes, os/as seguintes Senhores/as Deputados/as Municipais: António Pedro Maco (CDS-PP), Artur Alfama (PAN), José Rocha (BE), Maria Luís Albuquerque (PSD), José Ricardo Martins (PS) e Daniel Sobral (CDU). Usaram também da palavra o Senhor



## MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

Presidente da Assembleia Municipal, o convidado Senhor Comandante Ferreira da Silva, e a Senhora Presidente da Câmara.

5.1 – O Senhor Deputado Municipal António Pedro Maco (CDS-PP):

“Senhor Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

45 anos depois da reconquista da liberdade e consolidação da repartição livre dos poderes de Estado, encontramos-nos a meio do caminho.

Um caminho iniciado sem grandes convulsões sociais, com muita paciência e com muita responsabilidade por parte de quem tomou os destinos dos portugueses nos primeiros anos do golpe de Estado e da Revolução, mas que deixou um legado de liberdade e de esperança.

Apesar de um processo sempre complicado que acarreta transformações profundas na sociedade, houve quem não tivesse medo, e com coragem mudou o curso da História de Portugal para sempre, marcando mais uma data entre outras tantas, em que os portugueses rejeitaram qualquer forma de totalitarismo e opressão com serenidade e com muita elevação.

Quis, desta feita, o povo português rejeitar qualquer tipo de totalitarismo e sistemas políticos musculados e opressores das consciências e do livre pensamento.

Que jamais o país viva qualquer conjuntura onde tenhamos de pedir autorização para dizer o que queremos ou o que fazemos.

Com isto, não queremos passar de um totalitarismo para uma anarquia sem regras e sem normas onde a lei do mais forte dita as sentenças.

O respeito do espaço de cada um e a sua individualidade deve estar salvaguardado ainda que tenha o dever de colocar-se ao dispor da comunidade para, em conjunto, criar a harmonia e a paz entre o seu semelhante. Qualquer tentativa de colocar obrigatoriamente o homem abaixo do valor do Estado, qualquer tentativa de subjugar a condição humana ao serviço do Estado como seu subserviente e obediente com os seus direitos diminuídos ou mesmo restringidos, deve ser objeto de rejeição, pois o Estado é que deve servir o homem e não o contrário.

45 anos depois, é preciso não só solidificar a democracia e o pluralismo, pois os perigos espreitam, venham eles de que canto vierem. Espreitam e esperam a sua hora dourada através dos populismos fáceis, das demagogias baratas e do aproveitamento do descontentamento do cidadão fruto, muitas das vezes, da quebra de confiança entre o mesmo e as instituições.

É muito fácil apregoar quando não se tem responsabilidade, é muito mais fácil destruir do que parar, pensar e agir para construir. A nova e velha vaga do ceticismo rezingão e descrédito não deve ser um obstáculo ao progresso e ao desenvolvimento da nova era de liberdade, de prosperidade e da conceção de um mundo moderno.

45 anos depois, temos uma sociedade dita moderna, com acesso às novas tecnologias, com acesso à informação, com mais direitos, não excluindo os já mencionados deveres, com mais oportunidades e com mais esperança.

Contudo, muito há por fazer, a Liberdade só se consolida quando tivermos a igualdade nas oportunidades, quando todos contribuírem para o bem-estar de todos, quando as necessidades de uns sejam satisfeitas pelas necessidades de todos.

Uma palavra de agradecimento e de reconhecimento a todos aqueles que ao longo dos anos lutam pela Liberdade e por um Portugal Livre e soberano. Venham mais quarenta e cinco.

Eu não podia deixar de terminar estas breves palavras, sem mencionar aqui a importância que o Poder Local tem para a Democracia, para a Liberdade, como também mencionar todo o trabalho que os militares têm feito ao longo destes anos, na proteção de todos nós, na paz pelo mundo.”



## 5.2 – O Senhor Deputado Municipal Artur Alfama (PAN):

“Senhor Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

Começo neste meu primeiro ano deste lado da comemoração, por fazer um breve apontamento pessoal que não posso deixar de fazer, na qualidade de filho de um ex-combatente do Ultramar, que lutou na Guiné, numa companhia das que foram mais martirizadas que foram *os Cobras do Guilege*. Habituei-me e conheci, cresci com Abril, cresci com o drama desses combatentes, dos companheiros e dos camaradas que ele perdeu nessa ocasião, não podia deixar de fazer essa referência porque Abril cresceu comigo, e eu cresci com Abril.

O quadragésimo quinto aniversário do 25 de Abril ocorre num ano particularmente desafiante para a Europa, com a existência de eleições europeias que ditarão o futuro de um projeto chegado a uma encruzilhada onde se questionam os seus fundamentos, onde movimentos populistas tiram partido, pondo em causa o próprio regime democrático. Seja pela ascensão de movimentos eurocéticos, nacionalistas e extremistas, seja pela crescente desmobilização dos cidadãos em torno do projeto europeu, que tem no *Brexit* o seu expoente máximo, seja pela desacreditação do próprio sistema democrático e em particular dos partidos políticos que lhe servem de base, quando no próximo dia 26 de maio os cidadãos europeus forem chamados a votar, será muito mais do que a escolha de representantes que estará em causa, será a própria integridade da União Europeia que estará ameaçada.

Neste dia da liberdade, é impossível não questionar a subserviência da Europa à economia e a total desconsideração dos direitos humanos, dos animais e do ambiente. Mas quando foi afinal que consensualizámos o primado do extrativismo sobre o comércio justo, equitativo e regulado por elevados critérios sociais e ambientais? Quando foi que consensualizámos a indiferença e o despreendimento para com aqueles que conosco coexistem? Até quando vamos colocar os interesses económicos de curto prazo acima da sustentabilidade ambiental? Quando esses interesses provocarem o colapso dos ecossistemas e reduzirem a zero todo e qualquer valor, até o económico?

Neste dia da liberdade, é impossível não questionar a negação em que a Europa mergulhou em matéria ambiental, tentando soluções paliativas para problemas estruturais e mantendo o paradigma do consumo exacerbado que delapida recursos e ameaça irreversivelmente a biodiversidade. Mas quando foi afinal que consensualizámos o paradigma produtivista, intensivo e massificado, a disseminação negligente da poluição atmosférica, terrestre e marinha, e a redução ou mesmo extinção de espécies vegetais e animais? Quando foi que consensualizámos que o planeta é nossa propriedade e que as gerações futuras a ele não têm direito? Na nossa velhice, com que solidariedade poderemos contar dessas mesmas gerações, confrontadas com tão pesada herança?

Neste dia da liberdade, é impossível não questionar a forma condescendente com que a Europa convive com a segregação e com o ódio motivados por questões de género, de orientação sexual ou de raça. E mais, como convive com o flagelo da violência, seja ela doméstica, no parto, contra crianças, contra idosos e contra os mais vulneráveis ou como convive com a discriminação laboral em razão do género. Mas quando foi afinal que consensualizámos pela segregação dos direitos humanos por várias categorias, por diferentes graus de importância?

Neste dia da liberdade, tenhamos então a ousadia de questionar e transportemos para os demais dias do ano a coragem de agir, de mudar. Ousemos ser genuinamente livres, atuemos ao serviço do superior interesse coletivo, livres das amarras daqueles que, seja qual for o regime, sempre tentarão tomar nas suas mãos um poder que a verdadeira liberdade exige não ter dono. Que a solidariedade entre gerações, presentes e vindouras, obrigue à responsabilidade e ao estabelecimento do primado do superior interesse de todos sobre os interesses particulares de alguns, tenham eles o poder que tiverem.

Porque a revolução faz-se todos os dias, transformando paradigmas insustentáveis e confrontando interesses poderosos e manipuladores que se renovam e se adaptam para sequestrar o bem comum, deixando com isso ameaçada a evolução para uma sociedade mais justa, sustentável e respeitadora. Abril foi só o começo. Sejamos



## MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

dignos de o honrar e, no seu espírito único e progressista, tenhamos então a coragem, que tantas vezes parece faltar, de lhe dar continuidade.”

**5.3 – O Senhor Deputado Municipal José Rocha (BE):**

“Senhor Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

Celebramos hoje em liberdade, celebramos hoje em democracia o 45º aniversário da Revolução de Abril.

Os eleitos do Bloco de Esquerda saúdam todos os presentes, e prestam homenagem a todas e todos aqueles que, com enorme coragem ao longo de várias décadas, antes do 25 de Abril de 1974, combateram das mais diversas formas, a opressão, o autoritarismo e a tirania que as amarras da ditadura fascista nos impunham. Permitam-me que personalize em breves palavras esta minha intervenção.

Tinha apenas 17 anos naquele dia, em que os Capitães de Abril se insurgiram contra um regime que colonizava e subjugava povos, como se de seres inferiores se tratassem.

Um regime que obrigava tantos jovens a matar para sobreviver, e ver morrer outros seres humanos numa guerra tão injusta quanto inaceitável.

Um regime que nos impunha uma PIDE repressiva, que perseguia, interrogava e torturava todos os que, de alguma forma, ousavam contestar as políticas instituídas pela ditadura do Estado Novo.

Um regime que ditava a obrigatoriedade de pensar duas vezes antes de escrever algo, com receio de ser castrado pela censura do Secretariado Nacional de Informação.

Um regime retrógrado, autoritário e fascista, que impedia o acesso universal à educação, à saúde e à proteção social; que nos obrigava a viver num país com elevadas taxas de analfabetismo e de mortalidade infantil, onde as mulheres não tinham direito ao voto e ganhavam em média menos 40% do que os homens.

Daquela manhã, em que a ação militar dos Capitães de Abril derrubou a ditadura e restaurou a liberdade, retive na memória a enorme alegria refletida nos rostos daquela imensa massa humana que invadiu as ruas, gritando a plenos pulmões "liberdade, liberdade, liberdade".

Retive na memória os sorrisos dos meus companheiros de trabalho, pelo facto de lhes ser restituída a esperança de viver num país livre, justo e fraterno.

Retive na memória sobretudo, a angústia, a ansiedade com que tanta gente aguardava a libertação dos seus familiares e amigos encarcerados por motivos políticos.

Hoje, decorridos 45 anos da Revolução de Abril, temos um Portugal diferente, certamente mais livre e democrático, mas onde a pobreza, as desigualdades de género, os baixos salários, a precariedade laboral, a violência doméstica, a intolerância, o racismo, a LGBT fobia, a emigração forçada, são ainda realidades que subsistem, debilitam e representam uma forte ameaça à nossa democracia.

Importa referir que o caminho que hoje percorremos, não pode deixar de ter em conta estes fatores, para que um dia possam ser apenas meras recordações de um período transitório entre as sombras da ditadura e o fulgor da liberdade.

Olhando além-fronteiras, percebemos um conjunto de países cujas democracias definham a cada dia que passa.

Exemplos desse enfraquecimento são Estados Unidos com Trump, o Brasil com Bolsonaro, a repressão na Catalunha na vizinha Espanha, Itália com Salvini, a Hungria com Orbán, a Turquia com Erdogan, ou ainda Israel com Netanyahu.

Infelizmente Portugal não é imune a esta tendência. Não podemos nem devemos ficar indiferentes ao avanço da extrema-direita e dos populismos, expressa no saudosismo salazarista, perceptíveis nos discursos proferidos por aqueles que, consciente ou de forma irrefletida, esquecem os mais de 40 anos de repressão fascista.



Apenas com uma política que defende os direitos sociais, é possível combater a extrema direita. Exemplo disso foi a atual maioria parlamentar que evitou a destruição social do país e repôs direitos, mesmo quando Bruxelas não quis, ao contrário dos governos PSD/CDS dos últimos anos.

O Bloco de Esquerda muito se empenhou, muito lutou nas conquistas dos últimos quatro anos. Há, contudo, muito por fazer para reaver as conquistas de Abril.

Como o drama da habitação, em que Almada sobressai pelos piores motivos, porque infelizmente no nosso Concelho são milhares as famílias que vivem em condições desumanas ou não têm casa. Para lutar por este primeiro direito e para resolver os problemas do país, não podemos ter governos obcecados pelo déficite.

A democracia não pode ser vista como um dado adquirido, ela vive-se, pratica-se, é preciso pois continuar a agir e persistir na luta e na defesa intransigente da Democracia.

Importa também repensar o sistema económico vigente. Sistema esse que nos subjuga, que serve alguns em detrimentos de outros, que nos instrumentaliza e nos coloca uns contra os outros. Que promove a alienação do ser e a desumanização.

Um sistema económico que destrói o planeta sem qualquer pudor, que estabelece uma relação cada vez mais predatória com a natureza, e que com apego excessivo pelo lucro imediatista, perpétuo e exponencial, pressupõe que os recursos são ilimitados.

Impedir a destruição do meio ambiente e a fragmentação da democracia não se afigura como tarefa fácil, pois infelizmente as tentativas de preservação do absurdo são uma realidade em todas as sociedades.

Idealizamos uma sociedade livre, justa, fraterna onde não existe espaço para a pobreza e desigualdade, costume por isso dizer que sou um seguidor de utopias.

Mas as utopias só o são enquanto não deixam de o ser. O progresso é exatamente isso, a realização das utopias.

Apesar de todos os esforços da direita reacionária e populista, as sociedades tendem a progredir, através da revolta dos oprimidos contra os opressores, da revolta de todos aqueles que não se conformam com as doutrinas apologistas de um modelo de sociedade onde uns ganham e outros perdem, simplesmente porque é assim ou porque sempre foi assim.

É, pois, fundamental estimular e incentivar a cidadania, intervir e participar de forma consciente e informada, direcionando os nossos esforços na construção de uma sociedade mais justa para todas e para todos, independentemente do género, etnia, credo, condições sócias económicas ou orientação sexual.

Termino assim esta intervenção, saudando os direitos, liberdades e garantias consignados na Constituição da República Portuguesa e evocando a importância da Revolução de 25 de Abril de 1974 e do 1º de Maio, enquanto motes conducentes do processo de consolidação democrática em Portugal.

Continuemos a lutar pela liberdade que nos foi tão difícil de conquistar.

O fascismo não passará

Viva a Democracia

Viva a Liberdade

Viva o 25 de Abril

**5.4 – A Senhora Deputada Municipal Maria Luísa Albuquerque (PSD):**

“Senhor Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

Comemoramos hoje 45 anos da mudança de regime no nosso país. Ao 25 de Abril de 1974, e sobretudo ao 25 de Novembro de 1975, associamos democracia e liberdade, dois valores que devíamos prezar acima de todos os outros.

Porque não há democracia sem liberdade, nem liberdade sem democracia.



## MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

Porque legitimamente ambicionamos um presente melhor e um futuro mais risonho.

Porque nenhum regime sem democracia e sem liberdade alguma vez conseguiu dar aos povos a prosperidade, a segurança, o progresso.

Em Portugal, como é compreensível, comparamos o regime democrático à pertença europeia e à prosperidade económica construídos desde 1976, ao regime que vivemos até ao 25 de Abril de 1974, isolacionista, de vistas curtas e de pobreza e ausência de oportunidades para um número demasiado elevado dos nossos concidadãos.

É uma perspetiva natural, e até verdadeira. Mas que se torna perigosa se permitir ignorar que as ameaças à democracia e à liberdade são tão sérias se vindas de regimes isolacionistas e ditatoriais de direita, como se vindas de regimes isolacionistas e ditatoriais de esquerda.

Falamos hoje de novas ameaças à democracia e à liberdade. Na verdade, estas ameaças não são novas, os instrumentos usados é que podem ser diferentes.

E aquilo de que se alimentam é tão antigo quanto o mais antigo dos regimes ditatoriais: o medo do que é diferente, as expectativas frustradas, as visões maniqueístas que pretendem que uns são bons e outros maus. Em Portugal, ouvimos vezes demais que a esquerda é boa e a direita é má. Assim, porque sim, porque alguns o afirmam e frequentemente conseguem silenciar o outro lado.

45 anos depois do derrube de um regime totalitário, 43 anos depois do início de uma caminhada para uma verdadeira democracia, 33 anos depois da adesão às Comunidades Europeias, cujo objetivo primeiro foi assegurar a consolidação de uma democracia que se sentia ainda frágil, devemos fazer uma reflexão se esta é a democracia que queremos e se gozamos da liberdade a que temos direito.

Liberdade é mais que poder opinar sem receio de perseguições, é mais que a liberdade de militar em partidos políticos, a democracia é muito mais que ter o direito e o dever de votar.

Respeitar a liberdade é defender o direito à iniciativa e o dever da responsabilidade.

Respeitar a democracia é aceitar que os outros que pensam de outra forma podem ser igualmente bem-intencionados.

Respeitar a democracia e a liberdade é defender até às últimas consequências os direitos das minorias, mas sem impor opções aos que continuam a ser a imensa maioria.

Liberdade é também prosperidade. Como a história repetidamente demonstrou, só respeitando a liberdade de iniciativa privada os países alcançam níveis de desenvolvimento elevados.

Nenhuma experiência totalitária logrou alguma vez alcançar os níveis de bem-estar que o capitalismo, em particular o capitalismo dito ocidental, proporcionou, isto apesar das inegáveis necessidades de regulação, da intervenção do Estado na correção de injustiças e na promoção de igualdade de oportunidades.

E nenhuma sociedade é verdadeiramente livre se estiver demasiado endividada. A dívida é a memória dos défices passados, de todas as vezes em que se gastou mais do que se tinha.

O que limita hoje a liberdade do nosso país, e que continuará a limitar ainda as futuras gerações, não são as regras de Bruxelas ou a perda de soberania na política monetária, ou qualquer dos outros papões que se costumam invocar.

O que nos limita é a contínua vontade de gastar a riqueza que ainda não se criou. Com a agravante de, ao fazê-lo, tornarmos cada vez mais difícil essa criação de riqueza.

Procuramos culpados pelos movimentos que nos preocupam no aparecimento das redes sociais, nos candidatos classificados como populistas, que uns são mais que outros.

Ouvimos dizer que os eleitores são enganados por falsas promessas e discursos fáceis.

Mas respeitar a democracia e a liberdade implica aceitar que pode haver más escolhas. Não menorizemos os nossos concidadãos, os nossos eleitores - nós que somos agentes políticos - dizendo que se não votarem em nós



é porque alguém os está a enganar. Procuremos em nós, nas nossas ações e nas nossas omissões, enquanto agentes políticos, as razões para essas escolhas e aceitemos com humildade democrática o seu veredito.

Dir-me-ão que é assim que se faz em Portugal

Discordo.

A aceitação dos resultados é tantas vezes uma mera formalidade que mal disfarça o que se diz: são os que sempre perderam e sempre afirmam que ganharam, são os que perdem e subvertem o resultado, são os que os apoiam por perceber que também perderam. Mas felizmente também há os que democraticamente aceitam o que o povo decidiu. E no 25 de Abril é particularmente importante lembrar isso.”

**5.5 – O Senhor Deputado Municipal José Ricardo Martins (PS):**

“Senhor Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

Hoje comemoramos a liberdade

Expressamos o sentimento de reconhecimento e gratidão aos militares do Movimento das Forças Armadas – aos Capitães de Abril – pela oportunidade que nos deram de podermos escolher os nossos caminhos, construindo um futuro coletivo onde se respeita a diversidade de opiniões e de ideias.

Foi a partir deste gesto, deste simbólico gesto, que aprendemos e percebemos o verdadeiro sentido da liberdade.

A democracia é a liberdade das nossas sociedades.

45 anos depois sabemos que não vivemos num país perfeito. Contudo, todos os dias caminhamos para o seu desenvolvimento, lutando para a igualdade de direitos e deveres, para um Estado Social com mais equidade, mais solidariedade, liberdade e democracia.

Se isto é ser utópico, então que sejamos!

Sonhar é viver! Não sejamos indiferentes ao sonho e, tal como afirmava Almeida Garrett, o maior inimigo da liberdade é o indiferentismo.

A História não pertence a ninguém, a História é património dos portugueses tal como a viveram.

Hoje é dia de relembrarmos a História, recordar este como um dia em que se renova a esperança num país melhor para todas e todos, mas sobretudo para as gerações futuras.

É essencial que a viragem do tempo, a correria de um mundo cada vez mais globalizado e mais mediatizado não nos faça esquecer as amarguras passadas, sob pena de as tornar inevitabilidades futuras.

E razoável que, em Portugal, olhemos hoje o futuro com mais esperança e confiança do que num passado recente.

São vários os dados que o atestam, tendo o atual Governo conseguido atingir diferentes e importantes objetivos.

A reposição de direitos e salários, a diminuição do desemprego, a revolução no setor dos transportes públicos com a criação do Passe Navegante e as suas grandes implicações ao nível ambiental e na economia das famílias.

Refira-se o empenho dos municípios da AML para tornar esta medida uma realidade, em particular o esforço orçamental do nosso município na comparticipação dessa mais valia em benefício da população.

Se estes são factos que nos satisfazem, não podemos deixar de constatar outros objetivos que urgem atingir.

Por isso é importante que nunca se perca a História, que nunca se abandonem os ideais de Abril.

Cumpra a cada um de nós dar o melhor de si na contínua edificação de um melhor país para todos, numa busca incessante de soluções.

A maior participação cívica de todos os cidadãos é o grande desígnio que nos deixaram todos aqueles que se envolveram no 25 de Abril. Compete-nos a todos dar continuidade aos seus objetivos.



## MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

Temos consciência de que a democracia é uma tarefa sempre inacabada, mas façamos dos nossos dias um despertar da noite e do silêncio, rumo a uma democracia plena e respeitadora do mais elementar direito: A Liberdade.

Sejamos livres todos os dias

Viva a Liberdade

Viva o 25 de Abril

Viva o Concelho de Almada

Viva Portugal”

**5.6 – O Senhor Deputado Municipal Daniel Sobral CDU:**

“Senhor Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

Neste ano de 2019, os trabalhadores e o povo português comemoram o 45º aniversário da Revolução de 25 de Abril de 1974 e o 43º aniversário da aprovação, promulgação e entrada em vigor da Constituição da República Portuguesa.

A Revolução de Abril constituiu, há 45 anos, e continua a ser hoje, um dos mais importantes acontecimentos da história de Portugal.

O levantamento popular que se seguiu ao levantamento militar do Movimento das Forças Armadas (MFA), abriu caminho à concretização de profundas transformações democráticas na sociedade portuguesa – transformações de natureza política, económica, social e cultural – que representaram um gigantesco salto civilizacional do Povo Português, finalmente liberto da opressão, do obscurantismo e da ignorância impostas pelo estado fascista ao longo de quase meio século.

Profundamente enraizadas na afirmação da soberania e da independência nacionais, estas transformações democráticas abriram não apenas a perspetiva de um novo período da história de Portugal, mas alcançaram igualmente importantes repercussões internacionais.

A Revolução de Abril derrotou o obscurantismo, a opressão, o esmagamento das liberdades, a limitação dos direitos fundamentais, a marginalização dos trabalhadores, da juventude, das mulheres e do povo da vida política.

O fascismo era miséria, fome, trabalho infantil, repressão, guerra, ódio, degradantes condições de vida, de saúde e de habitação, segregacionismo cultural, elitismo, analfabetismo, ensino reservado para uns poucos, salários de miséria. Negando a inevitabilidade de todos estes profundos atrasos, a Revolução de Abril rasgou novos horizontes e novos caminhos de progresso e de desenvolvimento ao Povo Português.

Mas a Revolução de Abril pôs também termo a treze anos das várias frentes de guerra colonial contra povos que nas frentes de batalha na Guiné, em Angola e em Moçambique, mas também em Cabo Verde, em São Tomé e Príncipe e em Timor Leste, lutavam da mesma forma que o Povo Português pela sua liberdade, pela sua autodeterminação e pela sua independência, uma guerra que sacrificou gerações de jovens portugueses e deixou incontáveis sofrimentos e vítimas entre os povos africanos.

A Constituição da República Portuguesa consagrou, dois anos após a Revolução, as conquistas, direitos, liberdades e garantias do Povo Português alcançadas com a Revolução de 25 de Abril de 1974.

Apesar das sucessivas revisões de que foi objeto, a Constituição da República Portuguesa permanece como o referencial das conquistas alcançadas pelo Povo Português em 25 de Abril de 1974, mantendo no essencial as linhas que apontam no sentido do progresso e do desenvolvimento nacional, mesmo que permaneça por concretizar uma parcela fundamental do edifício do Poder Local Democrático como a regionalização administrativa do país, questão que se coloca hoje de forma tão necessária e premente como aos





constitucionalistas se colocou em 1976, tendo em conta o caminho que vem sendo trilhado no quadro da transferência de competências da administração central para o poder local.

Nesta celebração de quatro décadas e meia de liberdade e democracia, não podemos permitir que uma vez mais os inimigos de Abril queiram reescrever a História, branquear a natureza terrorista da ditadura fascista, silenciar a luta heroica dos trabalhadores e do povo português na resistência à ditadura fascista, na criação das condições para a Revolução de Abril, no seu desenvolvimento e na defesa das suas conquistas.

Nesse sentido, os democratas e patriotas estão convocados, uma vez mais, para rechaçar os novos ataques à Constituição da República Portuguesa, visando a sua subversão e a diminuição e apagamento do projeto emancipador que a Constituição da República representa.

Por isso, insistimos em celebrar e comemorar Abril.

Com o povo, com os trabalhadores, com os jovens, com as mulheres, com os idosos, por tudo aquilo que a conquista do regime democrático representou e continua a representar no que respeita aos importantes direitos e conquistas alcançados.

Continuaremos a lutar pela construção de uma Democracia Política baseada na soberania popular, no pluralismo de opinião e organização política, nas liberdades individuais e coletivas, na intervenção e participação direta do povo na vida política e na fiscalização e prestação de contas do exercício do poder.

Continuaremos a lutar pela construção de uma Democracia Económica assente na subordinação do poder económico ao poder político democrático, na propriedade social dos sectores básicos e estratégicos da economia e dos principais recursos naturais. Assente no investimento público nas atividades económicas, nomeadamente na indústria, na agricultura e nas pescas, assente na defesa e promoção da produção nacional, substituindo importações, garantindo a soberania alimentar e energética e assegurando emprego com direitos.

Continuaremos a lutar por uma Democracia Social assente na garantia efetiva dos direitos dos trabalhadores, no direito ao trabalho e à sua justa remuneração, em condições de vida e de trabalho dignas e adequadas, exigindo a valorização dos serviços públicos e das funções sociais do Estado, particularmente nas áreas da Educação, da Saúde e da Justiça, e por um sistema de Segurança Social, Público e Universal.

Continuaremos a lutar por uma Democracia Cultural assente no efetivo acesso das populações à criação e fruição da cultura e na liberdade e apoio à fruição cultural.

Continuaremos a celebrar e comemorar Abril lutando pela paz e amizade entre todos os povos e nações, por um Mundo de progresso, de cooperação entre povos e países soberanos e iguais em direitos, contra as agressões do imperialismo, contra o obscurantismo e o populismo e os seus objetivos antidemocráticos, pelo progresso social.

Continuaremos a celebrar e comemorar Abril na profunda convicção de que os seus valores, os valores de Abril, permanecem firmes e válidos, refletindo com fidelidade os interesses da larga maioria dos trabalhadores e do povo, e mantêm toda a capacidade para conduzir hoje a luta pela construção do futuro do País.

Por tudo isto apelamos a que as comemorações do 45º Aniversário da Revolução de Abril se constituam como um tempo para a convergência e unidade dos democratas e patriotas, dos trabalhadores e do povo, em defesa dos valores de Abril, da Constituição da República Portuguesa, afirmando esses valores no futuro de Portugal.

Viva o 25 de Abril!

Viva Almada!

Viva Portugal!

**5.7 – O Senhor Presidente da Assembleia Municipal:**

“Senhora Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;



## MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

Senhores/as Vereadores/as, ilustres convidados, caras e caros munícipes que aceitaram o nosso convite para participarem nesta sessão comemorativa do 25 de Abril.

Estamos hoje aqui reunidos para assinalar os 45 anos do 25 de Abril de 1974.

Uma primeira palavra de gratidão e homenagem aos jovens militares, aqui representados pelo Sr. Comandante Ferreira da Silva, que na madrugada libertadora se rebelaram contra o regime ditatorial que oprimiu Portugal durante 48 anos. Nunca esqueceremos o seu gesto de coragem e profunda generosidade.

Uma referência igualmente sentida a todos os portugueses que, como disse o Poeta, resistiram e disseram não, arriscando a liberdade e a própria vida. A esses, que serão homenageados dentro de momentos pelos representantes do Poder Local de Almada mediante a deposição de flores junto à estátua dos perseguidos, igualmente uma palavra de profunda gratidão.

É à determinação dos resistentes antifascistas e à coragem dos militares do MFA que devemos a nossa liberdade.

Liberdade – esse é o legado essencial de Abril, legado esse que está consubstanciado no Estado Social e de Direito que decorre da nossa constituição, filha da Revolução de Abril.

A exemplar Revolução de 1974 é por muitos considerada a mais bem-sucedida de todas as revoluções modernas.

Libertou os presos políticos, extinguiu a polícia política e a censura e instaurou as liberdades.

Decorreu em Paz e trouxe a Paz que o país ansiava.

Uniu os portugueses no apoio à ação libertadora e ajudou a sedimentar uma sociedade coesa e inclusiva, que até agora resistiu aos cantos de sereia da xenofobia e do populismo que campeiam pelo mundo.

Soube trazer para o primeiro plano a justiça social e o combate à pobreza.

Deu alento à esperança de que é possível construir, em cada dia, um presente/futuro melhor que o passado.

Almada, concelho de abril, sabe que não há conquistas definitivas e que o legado de abril tem de ser constantemente aprofundado e reinventado, recriado em cada dia que passa.

Mais coesão social, mais igualdade e melhor democracia, num território requalificado e ambientalmente sustentável, essa deve ser a ambição de todos os almadenses e, em primeira linha, dos responsáveis autárquicos.

Senhora Presidente da Câmara Municipal de Almada

Senhor Comandante Ferreira da Silva

Senhores/as Deputados/as Municipais

Senhores/as Vereadores/as

Ilustres Convidados

Caras e caros munícipes

Temos enormes desafios à nossa frente.

- No assegurar uma habitação digna para todos, reconvertendo e requalificando as AUGI e encontrando soluções urgentes de realojamento para os bairros clandestinos e as habitações precárias e degradadas;
- No desenvolvimento do nosso Concelho para que haja mais riqueza e mais e melhor emprego;
- Na melhoria da rede educativa e na promoção do sucesso escolar;
- Na melhoria do Sistema Nacional de Saúde;
- Na melhoria dos transportes, da rede viária e do espaço público;
- Na defesa e preservação do património cultural e natural;
- Na promoção de um Concelho ambientalmente equilibrado e sustentável;



- No acesso à cultura, às artes e ao desporto;
- No aprofundamento da democracia, abrindo espaço ao crescente envolvimento dos cidadãos na definição das políticas públicas e à democracia participativa.

Ao comemorar o 25 de Abril aqui, na Assembleia Municipal, órgão representativo de todo o povo de Almada, sublinha-se que o Poder Local é, ele próprio, um dos principais legados de Abril, o guardião dos seus valores e a alavanca para a concretização das suas esperanças.

Senhora Presidente da Câmara Municipal de Almada

Senhor Comandante Ferreira da Silva

Senhores/as Deputados/as Municipais

Senhores/as Vereadores/as

Ilustres Convidados

Caras e caros munícipes

Viva o 25 de Abril!

Viva Almada!

**5.8 – O Senhor Comandante Ferreira da Silva:**

“Senhor Presidente, Senhora Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

Quarenta e cinco anos após o 25 de Abril, ao evocarmos a Revolução dos Cravos, não o fazemos só para recordar a data e os acontecimentos, mas também para reiterar que há utopias e ideais por que vale a pena lutar.

O povo português e o Movimento das Forças Armadas, foram capazes, nesses dias de festa e de luta, de construir um Portugal livre e democrático, que não sendo hoje o que muitos de nós sonhamos e ambicionamos, é, sem sobra de dúvidas, muito melhor do que o país amordaçado, pobre e em guerra de onde partimos. Vivemos hoje em paz, liberdade e democracia, mas tivemos de ultrapassar situações em que as sombras negras do passado pareciam pairar sobre as nossas vidas. Hoje, em dia de festa, continuamos a apelar para a luta, pela construção de um país mais democrático e mais solidário.

O 25 de Abril ainda representa para a generalidade dos portugueses, no território ou na diáspora, um fator de consciencialização e valorização do ser português e da afirmação da nossa identidade. Da afirmação dos valores da liberdade e dos direitos humanos. Por isso, numa época em que por esse mundo fora, vemos novos ditadores a mostrar as suas garras, os que aqui quebraram as correntes da ditadura, resgataram a liberdade e abriram o caminho para o fim de uma guerra sem sentido e para paz, e juntamente com o povo português se envolveram num processo de reconstrução do país e da felicidade, não desistem e teimam em manter acesa a chama da esperança num mundo sem opções.

A memória dos povos é curta, e muitas vezes, perante as dificuldades e contradições do momento, esquecem as desventuras do passado. Assistimos hoje ao grassar de populismos, que se aproveitam das dificuldades existentes, e de alguma descredibilização da representação democrática para desenvolverem as suas ações de propaganda. Felizmente, em Portugal e possivelmente porque aconteceu Abril, esses populismos não têm tido grande sucesso, e esperamos que assim continuará a ser no futuro.

Estamos convictos que será com o aprofundamento dos valores de Abril, que conseguimos manter uma sociedade livre, democrática, justa e em paz, e tudo faremos para que os nossos representantes e governantes, resistam às pressões desenvolvam políticas de justiça social, mantendo e aprofundando a democracia e a liberdade, continuando a construção de um Portugal de Abril, um Portugal soberano, livre, justo e solidário. Este foi e continua a ser o nosso ideal. Pelo qual não desistimos de lutar com determinação. Convictos de que todos e todas, juntos, venceremos.

Viva o 25 de Abril



## MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

Viva Portugal

**5.9 – A Senhora Presidente da Câmara Municipal:**

“Senhor Presidente, Senhores/as Deputados/as Municipais;

Já todos sabem o que cantava Chico Buarque de Holanda: “Foi bonita a festa pá”. Foi bonita há 45 anos, foi bonita ontem, quando aqui a celebramos. Mas o 25 de Abril não é apenas uma festa, o 25 de Abril, o que nos trouxe foi esta consciência todos os dias, de que nunca podemos deixar de lutar pelos ideais em que acreditamos.

Permitam-me que associe a esta homenagem, a esta sessão solene do 25 de Abril, uma homenagem a outra grande Senhora, cujo o centenário se comemora este ano, Sofia de Mello Breyner. E que muito nos ensinou pelos seus breves e curtos poemas, dos grandes desafios que o 25 de Abril enfrentou, e sobretudo os grandes desafios da liberdade futura. Antes de a citar, quero obviamente dar uma palavra de profunda gratidão e também num toque pessoal, eu que fui uma criança do 25 de Abril, de profunda gratidão, a todos aqueles que durante anos resistiram, que combateram de facto o fascismo, que perderam a vida, que foram condenados ao exílio, que suportaram a tortura, e que sempre resistiram.

Uma palavra de imensa gratidão, obviamente, aos Capitães de Abril. Aos Capitães que não é por acaso que eram jovens Capitães, e quase que promovidos a Capitães, porque outros tradicionalmente destinados a serem oficiais, por nascença já não o quiseram ser, porque a guerra colonial estava à porta. E o 25 de Abril é marcado por isso. É marcado pela ousadia, pela coragem, pela determinação destes jovens Capitães, na figura obviamente de Salgueiro Maia. Naquela dignidade, naquela generosidade com que liderou as tropas que entraram em Lisboa, e com a mesma quase melancolia, com que no final do dia entrega o Poder não apenas ao General Spínola, mas sobretudo aos civis ao povo português. Foi uma marcha que ele fez, não para instaurar um regime militar, mas para trazer a liberdade para todos, e obviamente uma palavra também para essa voz que ninguém conhecia, sabia quem era, que era o Otelo Saraiva de Carvalho.

Mas o que é que era o Portugal do 25 de Abril? Sofia de Mello Breyner, diz-nos: “Um velho abutre é sábio e alisa as suas penas, a podridão lhe agrada, e os seus discursos têm o dom de tornar as almas pequenas”. Eu penso que não há melhor retrato daquilo que era o regime fascista do que isto: “Este velho abutre que tem discursos que tornam as almas pequenas”. Mas não se iludam, este não é uma figura, não é apenas Salazar ou Caetano, não é apenas Pinochet, é algo mais, é este reencontrarmos hoje estes discursos um pouco por todo o mundo, na Europa, mas não apenas na Europa, na América, no Brasil, esta sabedoria doentia, de quem lhe agrade e quem vive da podridão, quem vive do desespero, quem sobrevive pela falta de esperança, e sobretudo, quem faz sempre discursos para tornar as almas mais pequenas. O 25 de Abril, trouxe-nos outra coisa, é podermos sonhar, podermos projetar, e sobretudo, podermos lançarmo-nos em algo tão melhor, tão mais forte, que é nos tornarmos-nos melhor com almas melhores, com almas generosas e abertas ao mundo.

É evidente, o 25 de Abril, por isso e Sofia mais uma vez, é verdade foi esta madrugada que eu esperava (diz Sofia) que todos nós esperávamos, o dia inicial e limpo, onde emergimos da noite e do silêncio e livres, habitamos a substância do tempo. Foi um dia limpo, mas houve o dia seguinte, e nós somos o dia seguinte. Nós somos o dia seguinte, e como também já foi aqui referido pelo Senhor Comandante, isto não é apenas uma efeméride, isto é um desafio de todos os dias, isto é uma luta de todos os dias. E as desigualdades não são as mesmas ao longo dos tempos, e as discriminações não são as mesmas ao longo dos tempos, e as ameaças à democracia não são as mesmas ao longo do tempo, embora estejamos a assistir a movimentos, a velhos abutres, que afinal sempre reaparecem, que também já foram aqui citados, há muito ainda para fazer. Há o combate total às discriminações. Há muito para fazer no direito das mulheres, quando nós já pensamos que já estava tudo concluído, há o imenso desafio das alterações climáticas e do ambiente, há este movimento que tantas vezes se fica por uma notícia mais ou menos mediática e sentimental dos migrantes dos refugiados, há tanto sofrimento por esse mundo, tanta guerra.

Ainda ontem aqui nesta sala ao lado, tivemos testemunhos daqueles que resistem todos os dias e ainda hoje, o ator curdo que se viu obrigado ao exílio porque queria representar Shakespeare na sua língua natal, mas que antes disso tinha sido proibido de falar com o pai, porque a sua língua tinha sido proibida, e como o pai não



sabia outra coisa que curdo e não turco, veio um polícia e proibi-o de falar com o filho. Isto não são coisas assim tão longínquas, isto ainda aqui está. E, portanto, a luta, a garra, a felicidade, a energia que o 25 de Abril nos dá nunca a podemos perder porque temos que continuar a lutar, para outros e mais desafios e novos que reaparecem.

A nossa democracia, já está consolidada. Eu acho que é outra das grandes vitórias, 45 anos depois, ninguém duvida que Portugal é um país democrático. E permitam-me que discorde dos discursos de dizer: “Os ideais do 25 de Abril não estão cumpridos”. Nem nunca estarão, nem nunca estarão porque há sempre mais e novos ideais do 25 de Abril para cumprir, porque o 25 de Abril foi isso, foi esta abertura para lutarmos sempre para mais e melhores ideais. Mas também não nos enganamos, que é nossa obrigação passar uma mensagem para os mais novos. E essa mensagem nunca pode passar por esta ideia de que o país recuou relativamente ao momento do 25 de Abril. Não minimizem esse tipo de discursos. Não. Portugal fez um trajeto extraordinário nestes 45 anos, invejável, como poucos outros países fizeram, ao nível da educação, ao nível da saúde, ao nível da liberdade de expressão, ao nível dos direitos sociais, ao nível das reformas, a todos os níveis. É bom não lembrar há 45 anos e não é assim há tanto tempo, nós tínhamos quase metade da população analfabeta, que não sabia ler. Hoje temos um país que ainda tem muito para fazer, mas que já não envergonha no seu ranking de estudantes e pessoas com o curso superior. Temos uma classe de cientistas, de artistas, de escritores, que está acima, que não tem medo de dizer: eu sou português”. O 25 de Abril, também nos trouxe isso, trouxe essa coisa extraordinária, é o ter orgulho de dizer: “eu sou português, e fiz uma revolução como mais ninguém fez, e que é uma referência em todo o mundo”.

Portanto, sim, os ideais do 25 de Abril, estarão sempre por cumprir e ainda bem, porque eles são o melhor das utopias, eles incitam-nos a nunca desistir.

E o que é que é uma revolução?

Também Sofia de Mello Breyner, uma revolução é como uma casa limpa, como um chão varrido, como porta aberta, como puro início, como tempo novo sem mancha nem vício, como uma voz do mar interior de um povo, como uma página em branco onde o poema emerge, como a arquitetura do homem que ergue a sua habitação.

O desafio do 25 de Abril há 45 anos, e hoje é este. É graças a estruturas que garantem a democracia como o Poder Local Democrático, é graças à liberdade das eleições que vão acontecer agora na Europa e não minimizemos também essas eleições, são o único ato verdadeiramente democrático das instâncias europeias. Portanto, não minimizem, que obviamente com as eleições livres que temos depois das legislativas, tudo isso são marcos da democracia. Mas a democracia é mais, é este puro início todos os dias onde o homem ergue a sua habitação, e o 25 de Abril, deu-nos este poder para as mãos, de todos os dias, com todos, erguermos a nossa habitação, a habitação da liberdade, da fraternidade e da justiça, acima de tudo.”

**6.** Passou-se a um momento cultural, com a atuação do cantor almadense Francisco Naia, acompanhado pelo guitarrista José Carita, que terminou a sua atuação cantando em conjunto com os presentes a “Grândola Vila Morena”.

**7** – Pelas 10 horas e 15 minutos deu-se por concluída a Sessão Solene Comemorativa do 44º Aniversário do 25 de Abril de 1974.

**8** – Participaram na Sessão a Senhora Presidente da Câmara Municipal, Inês Medeiros, e os Senhores/as Vereadores/as Francisca Parreira, João Couvaneiro, Teodolinda Silveira, Nuno Matias, Miguel Salvado, António Matos, Rui Jorge Martins e Luís Filipe Pereira.

**9** - Foi verificada a presença na Reunião dos operadores de câmara da TV Almada e de cerca de 70 Senhores Múncipes.

**10** - Por ser verdade se elaborou a presente Ata que, depois de lida e aprovada vai ser assinada pela Mesa.

O PRESIDENTE \_\_\_\_\_



**MUNICÍPIO DE ALMADA**  
**Assembleia Municipal**

O 1º SECRETÁRIO

*Paulo Viegas*

A 2ª SECRETÁRIA

*Ana Paula Silva*